

Resumos/ Zusammenfassungen

Advertências e prefácios: a recolha de textos machadianos no fim da vida

Audrey Ludmilla do Nascimento Miasso

Machado de Assis (1839-1908), ao longo de sua carreira, publicou quatro livros de poesias: *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875) e *Poesias completas* (1901). O último volume traz a seleção de alguns poemas das publicações anteriores que se soma às “Ocidentais”. A elaboração do quarto livro num momento em que Machado era já escritor estabelecido permitiu a revisitação da sua obra poética e a formação de um último legado na poesia. No ano de 1901, Machado de Assis completou 62 anos, levando em consideração a esperança de vida no início do século XX, era possível que o autor estivesse pensando na obra que deixaria para a posteridade. O movimento de pensar qual seria seu testamento literário fica aparente nas advertências e prefácios que acompanham alguns volumes publicados entre o fim do século XIX e o início do século XIX. Nesse sentido, propõe-se analisar os paratextos de *Várias histórias* (1896), *Poesias completas* e *Relíquias de casa velha* (1906), a fim de entender como o escritor repensou a própria obra no final da sua vida para a construção e finalização do seu projeto literário.

Drama psicológico em *Ressurreição* (1872), de Machado de Assis

Básia Roberta Lucena Cardoso Araújo

Esta comunicação oral tem por objetivo analisar a obra *Ressurreição* (1872), primeiro romance de Machado de Assis (1839-1908). A partir das considerações do crítico literário Roberto Schwarz (2000), afirmando que os primeiros romances de Machado possuem um caráter conformista, inseridos no modelo folhetinesco da novela sentimental – ou seja, com a narrativa seguindo modelos tradicionalmente românticos –, verificamos, por outro lado, que a aparente simplicidade do texto acomoda um jogo mais complexo, através do drama psicológico de suas personagens. Ainda na apresentação do livro, Machado de Assis destaca a sua proposta de reproduzir “o esboço de uma situação e o contraste de dois caracteres” (ASSIS, 2024), o que, de certa maneira, antecipa ao leitor o seu verdadeiro foco: o escritor carioca não se deterá sobre o enredo, mas sobre as personagens, bem como o contraste de seus “caracteres” ou personalidades. Em *Ressurreição*, as personagens são apresentadas através de uma voz interior em conflito, cujo narrador dedica-se a apresentar e direcionar a interpretação do leitor, pois nossa apreciação está condicionada ao que ele decide nos mostrar, refletir ou comentar sobre alguma situação da narrativa – uma característica típica do uso do discurso indireto livre. A nosso ver, esses recortes narrativos dão originalidade ao enredo graças ao seu aspecto não linear, entre aquilo que nos é revelado e o que não é. Nosso objetivo, portanto, será o de identificar como essas contradições são apresentadas não só a partir das personagens, mas, também, do narrador onisciente e parcial do romance. Dentre os resultados da análise, identificamos que os conflitos internos e psicológicos do protagonista determinam a proporção e o encaminhamento de resolução do enredo. Por fim, o encadeamento entre a atuação do caráter das personagens e a atuação do narrador funciona como um jogo de contrários em que todos os elementos se conectam conforme a já citada apresentação do autor.

Racialidade e racialização: a construção dos personagens brancos, não brancos, e não racializados e suas relações em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Fernanda Souza Gasparini

Quando Machado de Assis publica, em 1881, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o silêncio crítico foi revelador do assombro causado pela obra. Aos poucos, estudos foram se multiplicando e se especializando, do *humor* à filosofia do delírio, até mais recentemente análises de um possível viés identitário do romance. Apesar de seu enfoque não ser a escravidão, o livro tem como parte da paisagem tanto escravizados como libertos e senhores, e do enredo suas relações sempre assimétricas, como apontado por Alfredo Bosi (2020). As escolhas lexicais, gramaticais e de imagem feitas pelo escritor carioca para tratar do tema revelam muito sobre o tempo e o lugar em que a história foi escrita, além de expor as nuances de como a literatura machadiana percebia o *outro*, e como Machado fazia da sua literatura mais engajada do que se supunha até o final do século XX. O objetivo principal desta pesquisa é analisar essas escolhas, levando em consideração o contexto histórico e social em que a obra foi escrita, e o que elas revelam.

A partir de conceitos como o Mesmo e o Outro, interseccionalidade, história do léxico e de diferentes experiências de escravidão, e ainda da importante ideia para a literatura da tríade autor, obra e público, uma das perguntas que o presente trabalho procura responder é se seria possível, a partir do contexto em que o romance foi escrito, conseguir entender melhor as escolhas do autor carioca, inscrito na sociedade fluminense do século XIX, e como ele entendia a sociedade em que vivia e o tipo de literatura que desejava fazer, diferenciando o que é convenção da época e o que é escolha no que diz respeito à linguagem racial da obra. Para isso, o trabalho estuda a publicação de 1881, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, além de sua recepção crítica, as traduções de William Grossman (1952) e de Flora Thomson-DeVeaux (2019) para a língua inglesa, e algumas outras publicações literárias de contemporâneos a Machado de Assis, como *O Primo Basílio*, *O Mulato* e *Menino de Engenho*.

As assinaturas de Machado de Assis: figuração autoral entre a unidade e a dispersão

Fernando Borsato

Ao longo de mais de 50 anos de vida literária, Machado de Assis lançou mão de muitas e variadas formas e técnicas de assinatura, pseudonímia e anonimato nos diversos gêneros de escrita que praticou: poemas, contos, crônicas, ensaios, cartas, romances, e contratos e dedicatórias. Esta comunicação visa apresentar resultados de estudo sistemático das assinaturas empregadas por Machado de Assis, ou a ele atribuídas, ao longo de sua obra, considerando-se “obra” a totalidade dos textos incluídos e reconhecidos sob esse nome. Foram identificadas 87 assinaturas, que englobam variações do nome civil do escritor, iniciais, pseudônimos e criptônimos, utilizados – e muitas vezes tematizados – nos diversos gêneros que praticou.

Verifica-se, assim, que ao compor seus livros em torno da assinatura “Machado de Assis”, estampada na capa de todos os volumes que publicou em vida, o escritor trabalha incessantemente na unificação, afirmação, e institucionalização de *seu nome de autor* e de sua imagem autoral. Por outro lado, também trabalha incessantemente na desestabilização e refração desse nome e dessa imagem por meio da variedade de formas com as quais assinou seus textos em periódicos e manuscritos, bem como pela proliferação de instâncias narrativas e autorais que produziu em seus textos ficcionais, em diferentes suportes e gêneros.

Um tal conjunto redireciona o olhar sobre a sua obra, em que as fronteiras entre “dentro” e “fora” da narrativa, “vida” e “obra”, “autor” e “narrador” são borradas pela concorrência de assinaturas e pelo uso de outros paratextos, ferramentas que possibilitam o paradoxo da junção dessa dupla condição de dispersão e unidade. Esse talvez seja um dos principais temas machadianos, que vêm à tona na problematização da dispersão e unidade das coletâneas de contos, como se dá nas advertências de *Papéis avulsos* e *Várias histórias*, ou na afirmação de um “pensamento interior e único” a organizar um romance tão fragmentário como *Esau e Jacó*, ou ainda na multiplicação de instâncias narrativas e autorais identificadas a personagens como Brás Cubas, Dom Casmurro e Aires.

O duplo sucesso da realização desses movimentos contrários se verifica, por um lado, nas diversas interpretações e apropriações de sua obra, de seus paratextos, autores e narradores; e, por outro, no poder simbólico e institucional de seu *nome de autor*, capaz de engajar gerações de leitores e críticos interessados nas obras associadas ao nome “Machado de Assis” e na associação de suas próprias assinaturas à do escritor.

A obra de Machado de Assis como sistema

Hélio de Seixas

Tomando como base o trabalho de organização de uma edição com os 25 livros que Machado de Assis publicou em vida, procurarei delinear o percurso editorial do escritor, marcado pela experimentação gradativa e pelo entrecruzamento de gêneros literários, e apresentarei elementos que permitam compreender o que há de sistemático na produção do escritor, reexaminado a proposta de Silviano Santiago (1969) de que é preciso “compreender a obra de Machado de Assis como um todo coerentemente organizado”.

Crítica literária de mulheres: Lúcia Miguel-Pereira, leitora de Machado de Assis

Lúcia Granja

Se Machado de Assis foi um mestre do embrenhar-se no universo e na vida interior das mulheres — o que é evidente na construção de suas histórias, mas também na história de suas relações pessoais —, as mulheres têm sido agudas leitoras da obra do mestre. Nesse paradigma, seus trabalhos resultaram, muitas vezes, em pontos de inflexão para as novidades críticas. Propõe-se nesta comunicação, em que se apresenta um projeto de mulheres que leem as mulheres leitoras de Machado de Assis, apresentar uma anamnese do tipo de sensibilidade que fez com que mulheres dissessem algo novo sobre Machado de Assis. Na linha de frente, destaca-se unanimemente Lúcia Miguel-Pereira (1901- 1959), influente crítica literária, biógrafa, ensaísta e tradutora. A primeira pergunta que deve começar a ser respondida é a seguinte: existe um olhar específico a ser apreendido a partir das leituras de mulheres que fizeram a crítica literária do mais importante escritor brasileiro? Para desafiar esse problema, é necessário debruçar-se sobre escritos e relações desta mulher leitora, compreendendo as suas particularidades. Para Lucia Miguel-Pereira, reivindica-se uma posição singular de experiência e de possibilidade de fala como matrizes da originalidade de suas leituras.

Revisitando Machado de Assis: redes de legitimidade e capital simbólico nas relações luso – brasileiras

Marianna França Monteiro

Esta comunicação propõe uma revisão crítica da trajetória de Machado de Assis a partir do entrelaçamento entre sua biografia, sua inserção institucional e suas redes de correspondência intelectual com artistas portugueses. O objetivo é repensar a ascensão do autor no campo literário brasileiro a partir da noção bourdieusiana de capital simbólico e da análise das mediações que contribuíram para a legitimação de sua obra em um contexto de racialização estrutural e eurocentrismo cultural.

Partindo do terceiro capítulo da minha tese de doutoramento — dedicado à vida e obra de Machado — exploro como elementos biográficos, relações sociais e estratégias discursivas revelam-se centrais para compreender não apenas a produção literária machadiana, mas também sua construção como figura de autoridade no mundo das letras. A análise de suas cartas com interlocutores portugueses permite observar dinâmicas transatlânticas de reconhecimento, bem como formas indiretas de resistência e negociação de pertencimento, muitas vezes invisibilizadas na crítica tradicional.

Ao integrar texto e contexto, esta pesquisa contribui para ampliar o entendimento sobre os mecanismos de consagração e exclusão no campo literário brasileiro, propondo uma perspectiva reparadora e descentralizada da história da literatura.

Tradução e imitação em Machado de Assis: A transposição de *On the Receipt of My Mother's Picture* e a construção de uma identidade nacional

Me. Anderson de Souza Andrade

Nesta apresentação, pretendemos analisar a tradução de *On the Receipt of My Mother's Picture*, de William Cowper (1731-1800), realizada por Machado de Assis. Tal análise abará o posicionamento do tradutor na obra, alinhando seu papel à construção de uma identidade nacional e, principalmente, demonstrando como o conceito de “adaptação” pode ser identificado ao longo da leitura do poema em língua portuguesa. Como referencial teórico, serão utilizados conceitos sobre tradução e adaptação, além de trechos do poema original, que serão confrontados com a versão em português. Machado de Assis foi fortemente influenciado pela escrita de poetas de língua inglesa, o que pode ser observado em diversos traços de sua produção literária. Cabe, aqui, observar de que maneira o poema de Cowper foi transposto para a língua materna de Machado, uma vez que se torna perceptível como a tradução foi influenciada pelo olhar atento do autor brasileiro e permeada por um tom de intensidade que, em alguns momentos, diverge da proposta original de Cowper. Isso coloca o poema no campo conceitual da imitação, que, embora esteja intrinsecamente ligada ao ato tradutório, não pode ser considerada sinônima da tradução. O autor brasileiro ao qual nos referimos manteve um forte vínculo com literaturas estrangeiras. No entanto, ao assumirmos seu papel como tradutor, observamos que Machado de Assis estabelece uma conexão marcadamente influenciada pelo nacionalismo brasileiro. Em muitas de suas obras, há a presença de elementos culturais característicos do Brasil, os quais servem de referência para a compreensão da obra traduzida.

Do poema ao romance: o Spleen de Paris na criação literária de Machado de Assis

Natasha Belfort Palmeira

Partindo da recepção de Baudelaire no Brasil e do desenvolvimento do poema em prosa nesse país, esta comunicação apresenta uma nova matriz formal das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

A(s) mulher(es) que imaginam: ambivalência moral nos contos tardios de Machado de Assis (1879-1896)

Núria Baltrons León

Esta análise propõe uma reflexão sobre o papel estratégico que a imaginação desempenha nas protagonistas femininas de quatro contos de Machado de Assis: *Curiosidade* (1879), *Capítulo dos chapéus* (1883), *Missa do galo* (1893) e *Trio em lá menor* (1896). A partir da década de 1880, Machado passou a publicar na revista *A Estação*, voltada para um público feminino e marcada por temas sociais da época. Esse contexto editorial não é irrelevante: embora não transforme o autor em um feminista *avant la lettre*, o situa em um espaço de diálogo com representações e expectativas sociais sobre a mulher da suposta modernidade. As protagonistas estudadas — Carlota, Mariana e Sofia, Conceição e Maria Regina — encarnam figuras femininas que, embora moldadas pelos estereótipos dominantes, expressam — à sua maneira — desejos próprios, curiosidades e uma imaginação que por vezes extrapola os limites da moral tradicional.

O principal objetivo desta pesquisa é demonstrar como a imaginação, para além de uma função narrativa ou psicológica, adquire um valor estruturante na caracterização dessas mulheres. Por meio de uma análise textual atenta aos processos de construção subjetiva, serão exploradas as tensões e/ou conciliações entre as aspirações individuais das protagonistas e o contexto fluminense do século XIX. Nesse sentido, a imaginação surge tanto como uma via de evasão das normas quanto como um mecanismo de adaptação ou negociação com a ordem social. Serão analisadas também as referências intertextuais que enriquecem essa rede de significados: não é à toa que Conceição (1893) e Mariana (1883) leem *A moreninha*, de Macedo, e que Carlota assista a uma representação de *O que é o casamento*, de Alencar; essas referências sugerem a existência de espelhos simbólicos nos quais as protagonistas projetam e moldam suas imaginações, desejos e expectativas.

Em um corpus no qual a crítica tem privilegiado majoritariamente os processos imaginativos de personagens masculinos — como Bento Santiago, em *Dom Casmurro* —, este estudo busca lançar luz sobre um elemento ainda insuficientemente estudado, propondo uma leitura que reconheça os fios sutis que conectam essas figuras: o pensamento oculto ao qual as mulheres historicamente recorreram para viver na (ir)realidade ou contra ela.

Ânsias de um homem célebre

Paul Dixon

No conto “Um homem célebre” (*Várias histórias*, 1896), Machado de Assis dá uma visão sugestiva da psicologia por trás de um problema de criação artística frustrada. Em parte, o bloqueio é uma questão pessoal. Mas tem aspectos de um problema nacional, também.

Pestana, o protagonista do conto, consegue compor polcas brasileiras com a maior facilidade. Tais músicas ligeiras são muito procuradas por seu editor, e ainda mais apreciados pelo público carioca em seus bailes e saraus. Por ser o autor de tais composições animadas, Pestana é um homem célebre em toda a cidade. O problema é que ele despreza esse estilo de música popular e deseja, mais que nada, ser reconhecido como um compositor de música erudita. E não consegue elaborar nada nesse registro mais sério.

Uma perspectiva teórica muito relevante para a análise do conto é a da “Anxiety of Influence”, desenvolvida pelo estudioso norteamericano, Harold Bloom (1973). Segundo Bloom, cada nova geração de artistas luta para poder sobrepujar a influência constrangedora da geração anterior, que já pôde estabelecer-se com sua própria estética. O artista quer responder, exceder, se livrar daquela geração, mais sente grande ansiedade com a inevitável presença dos “grandes” do passado imediato. Bloom descobre uma equivalência entre essa relação problemática do novo artista com seus antecedentes, e o famoso complexo de Édipo elaborado por Sigmund Freud.

No gabinete de Pestana, há muitos retratos de conhecidos compositores da música clássica: Cimarosa, Mozart, Beethoven, Gluck, Bach, Schumann, etc. A presença dessas figuras consagradas em suas paredes sugere o peso constante que tais antecessores têm em sua consciência criadora. Criam uma verdadeira ânsia, e constituem uma barreira à realização de uma obra satisfatória.

Otro retrato importante na parede é o de um padre, que havia criado Pestana, que lhe havia ensinado música, que lhe dera de herança a casa em que vivia, e que provavelmente era seu pai. Essa consciência de ser uma filho sem pai legítimo sugere outra espécie de ânsia, talvez complemento da ânsia de influência já mencionada. Sabe-se que um dos complexos sofridos pelos povos colonizados (especialmente mestiços) é a noção de ser, por assim dizer, órfãos, bastardos, ou pelo menos pessoas menos “legítimas” que os colonizadores. Há indícios no conto de que esse sentido de ser menos legítimo possa ser acompanhada por uma dimensão racial, pois há alguns detalhes sutis sugerindo que o protagonista possa ser mulato.

A ambiguidade racial na/da obra de Machado de Assis

Paulo Dutra

Tendo-se dissipado a costumeira noção de um escritor absenteísta, está livre o caminho para que prossigam e se proliferem leituras da obra de Machado de Assis que se ocupem da questão da escravidão e das pessoas afrodescendentes. No Brasil, durante o século 20 desenvolveram-se categorias raciais atreladas a diversas características que alcançaram o patamar de verdades sociais. Tais categorias por sua vez criaram um afã histórico coletivo de uma busca por uma aparência, física e simbólica, idealmente atrelada ao ideal de civilização e civilidade imposto pela empreitada colonial. Portanto, assim como aconteceu no caso do autor, suas personagens também têm sido lidas com base nessas categorias raciais, sobretudo quando Machado não apresenta descrições físicas delas suas personagens. O exemplo mais notório de tal prática é a leitura do protagonista do conto “Pai contra mãe”, geralmente imaginado como um homem branco e mal. Porém há outros exemplos, ainda que tácitos, de tal prática; e são exatamente essas leituras racializadas o objeto de discussão desta comunicação.

O diálogo entre André Maurois e Lúcia Miguel Pereira e a promoção de um Machado de Assis negro na França (anos 1930-1950)

Raquel Campos

Em 1949, foi reeditada na França aquela que era a mais recente tradução de *Memórias póstumas de Brás Cubas* para o francês. Publicada pelas Éditions Émile-Paul Frères com o título *Mémoires d'outre-tombe de Braz Cubas*, essa edição trouxe um Prefácio escrito por Afrânio Peixoto – que já havia aparecido na primeira edição, datada de 1944 – e um “Estudo” de autoria de André Maurois. Este último era um texto de natureza biográfica, o que era de se esperar, já que Maurois era um dos mais destacados biógrafos daquele momento. Em seu “Estudo”, ele não só dava conta da origem pobre de Machado de Assis, como mencionava sua cor e sua identidade racial: “Embora sua mãe fosse portuguesa e branca, os traços da raça negra, que era a de sua família paterna, eram dominantes no rosto da criança”. Tal menção era coerente com um traço marcante da narrativa biográfica assinada por André Maurois: seu alinhamento à interpretação da vida e da obra de Machado de Assis proposta por Lúcia Miguel Pereira em *Machado de Assis (Estudo crítico e biográfico)*, biografia publicada originalmente em 1936. Tal alinhamento pode ser percebido na ênfase de Maurois à cor, à origem social (com menção ao apadrinhamento por Maria José de Mendonça Barroso e ao papel da madastra do futuro escritor) e à epilepsia de Machado de Assis, tomadas por sua biógrafa como “um triplo mal de origem” contra o qual ele teve de lutar. Acontece que *Machado de Assis (Estudo crítico e biográfico)* nunca foi publicado na França. A adoção, por Maurois, da perspectiva interpretativa proposta nessa obra parece relacionar-se diretamente com sua visita ao Brasil, em 1947. Entre agosto e outubro daquele ano, o autor de *Vida de Shelley* fez uma viagem pela América Latina, tendo passado também pela Argentina, pelo Chile, pelo Peru e pela Colômbia. Em sua estadia no Rio de Janeiro, ele visitou Lúcia Miguel Pereira e Octávio Tarquínio de Sousa, conforme contou em seu *Diário de uma viagem pela América Latina*, publicado na França em 1948. Nesse sentido, o objetivo desta comunicação é investigar o diálogo entre André Maurois e Lúcia Miguel Pereira e seu papel na promoção de um Machado de Assis negro na França de meados do século XX.

A captura do instante: usos e significados da fotografia na obra de Machado de Assis e sua relação com as culturas da modernidade.

Rogério da Silva Lima

A proposta analisa a presença da fotografia na obra de Machado de Assis, explorando seus usos e significados no contexto das culturas da modernidade. A pesquisa investiga como Machado utilizou a fotografia como metáfora e recurso narrativo, relacionando-a com as transformações sociais, científicas e artísticas do século XIX. A análise abrange contos, crônicas e romances, buscando compreender a percepção de Machado sobre a fotografia como representação da realidade e sua relação com a memória, o tempo e a identidade.

Entre a romântica flor azul e a moderna flor do mal: “A parasita azul” (1872), de Machado de Assis

Sarah Burnautzki

Esta apresentação propõe uma nova interpretação do conto “A parasita azul” (1872) de Machado de Assis, trazendo não só as teses centrais de Roberto Schwarz e John Gledson, mas também desenvolvendo-as de maneira produtiva. Parte-se da ideia de que Machado, desde seus primeiros escritos, trata, por meio de estratégias intertextuais, metafóricas e alegóricas, da incomunicabilidade estética da escravidão como crime fundador da modernidade brasileira.

A ênfase é colocada na análise da forma como Machado contrasta o tema romântico da “flor azul” – símbolo do desejo de transcender o mundo através da poesia – com a estética de uma “flor do mal” ligada à crítica do progresso específica de Machado, para questionar a alegoria da unidade nacional brasileira. Por meio da ironia e da paródica rejeição das convenções narrativas românticas, ele desmantela o projeto burguês de nação, na medida em que este se baseia na manutenção da ordem colonial. A constelação triangular das personagens, que parece aleatória, é interpretada como uma forma dialética que transmite esteticamente a contradição entre a promessa moderna de progresso e a base material da escravidão, remetendo para um terceiro elemento estruturalmente ausente e incontornável.

Se defende que a dissonância estética e a suposta falta de acabamento da narrativa não devem ser entendidas como um defeito, mas como a mediação de uma problemática social: elas tornam visíveis a corrupção moral da classe dominante e a base violenta da unidade nacional. “A parasita azul” revela-se, assim, não apenas um espaço experimental decisivo para as obras-primas posteriores de Machado mas também uma crítica radical à violência negada na base da modernidade brasileira.

Dr. Semana, cronista das “Badaladas”: entre o pseudônimo e o nome próprio

Silvia Maria Azevedo

Durante os anos de circulação da *Semana Ilustrada*, entre 16 de dezembro de 1860 até 19 de março de 1876, os textos de vários gêneros publicados na revista de caricaturas vinham assinados, na grande maioria, por pseudônimos. Esse tipo de assinatura vinha ao encontro da diretriz satírica do periódico - ridendo castigat mores - procedimento editorial assumido por Machado de Assis quando passa a assinar a seção de crônicas “Badaladas”, com o pseudônimo Dr. Semana. À medida que o nome Machado de Assis vai ganhando notoriedade literária em função das obras publicadas em livro, pela prestigiosa editora Garnier, dentre elas, *Contos Fluminenses*, o Dr. Semana não vai conseguir manter o pacto de silêncio em relação à máscara de cronista baladeiro. Para explorar o impasse entre pseudônimo e nome próprio foi selecionada a crônica que veio a público na *Semana Ilustrada* em 19 de fevereiro de 1871, autoperódia do conto “Miss Dollar”, que abre a coletânea *Contos Fluminenses*, e até então inédito.

***Memorial de Aires* de Machado de Assis traduzido para circulação na Alemanha - os paratextos**

Válmi Hatje-Faggion

Esta comunicação propõe uma reflexão sobre a prática editorial da tradução do romance *Memorial de Aires* de Machado de Assis do português para o alemão. A tradução *Tagebuch des Abschieds* (2009) foi realizada por Berthold Zilly e publicada pela editora Friedenauer Presse em Berlin na Alemanha. Para complementar a obra traduzida, o tradutor alemão acrescenta diferentes paratextos (Genette, 1997; Munday, 2014; Batchelor, 2018; Frías e Vilariño, 2022), que incluem 136 notas ao final do livro (*Anmerkungen*, 2009, p. 220-231) e um posfácio do tradutor (*Ein nostalgischer Spötter*, 2009, p. 210-231), que tem 6 notas, sendo 3 delas sobre a sua tradução de *Memorial de Aires*. Esses paratextos que circulam com a obra traduzida auxiliam na investigação do projeto de tradução e do papel do tradutor e da editora na inserção do romance no sistema literário da Alemanha. Eles serão analisados sob a perspectiva das particularidades estéticas da narrativa e dos elementos culturais do Brasil para verificar como elas são traduzidas para o alemão e as possíveis implicações para o leitor alemão. As decisões tradutórias de Zilly (2009; 2023) revelam cuidado com o novo leitor no sentido de auxiliá-lo na compreensão de aspectos culturais brasileiros nos campos histórico, literário, político e social, dentre outros.